

# NUMÁRIA

## D'EL-REI DOM AFONSO MENRIQUES

Balanço analítico dos exemplares conhecidos

PELO DR. PEDRO BATALHA REIS

Tão importante para a História de Portugal é tudo o que constitua documentação do nosso primeiro Rei, que não será demasiado, no campo da Numismática, dar um balanço aos exemplares que existem coevos da Fundação do Reino, ou melhor, que se conhecem d'El-Rei D. Afonso Henriques.

Além disso reproduzimos aqui, e pela primeira vez, a última moeda que se achou, ainda não há um mês, na histórica Vila de Óbidos.

\*

O primeiro Numismata que publicou as moedas de D. Afonso Henriques foi o consagrado Dr. Teixeira de Aragão, reproduzindo cinco tipos diferentes (1).

Analizados e estudados os exemplares descritos, chegamos à seguinte conclusão:

---

(1) Não merece referência especial o que foi publicado por Amaral do Toro — (o falsificado *morabitino* de Braga, de que nos ocupamos nos *Morabítnos Portugueses*, Lisboa, 1940, pág. 29) pela falta de idoneidade científica do seu autor.

- 1) *Morabitino* de Braga: é uma mistificação provada (1).
- 2) *Morabitino* de Cruz: os verdadeiros pertencem a D. Afonso II, sem embargo da existência de exemplares falsificados, nomeadamente do último quartel do século passado (2).
- 3) *Mealha* com escudo: quanto a nós, não pertence a D. Afonso I, mas sim a D. Afonso II (3).
- 4) *Dinheiro* com o sino-saimão: esta é, das moedas de D. Afonso Henriques apresentadas por Teixeira de Aragão, a *única cuja autenticidade para nós, é indiscutível* (4).
- 5) *Dinheiro* com a cabeça de perfil d'El-Rei: muito embora a tomemos com reserva, não ousamos contudo repudiá-la do numerário afonsino, sem mais aprofundado estudo.

Do exposto se verifica que dos cinco exemplares analisados, apenas dois se aproveitam, e mesmo assim só um deles não suscita dúvidas da sua genuína autenticidade: aquele que ostenta o Signo de Salomão. Merece, pois, este exemplar, algumas considerações especiais.

Assim, desses *dinheiros* com o sino-saimão, tudo neles concorre para reforçar a sua autenticidade, bem como a judiciosa atribuição deles a D. Afonso Henriques, que Aragão publicou.

Com efeito, não sòmente existe o conhecimento exacto do local onde essas moedas foram encontradas, em 1875, mas ainda temos a sorte de possuir como que um auto do facto, relatado pelo antigo Lente da Universidade de Coimbra, o Dr. Serra Mirabeau, numa carta escrita ao Dr. Leite de Vasconcellos, onde miudamente se descreve o modo de como o achado foi feito, ao demolir-se uma parte da antiga muralha de Coimbra, junto à Estrela. Além desse testemunho escrito, afirmou-lhe ainda o Dr. Mirabeau que «se havia alguma moeda autêntica, era esta».

Não menos importantes são as considerações que resultam do seu exame objectivo: Desde a técnica monetária que esses exemplares nos revelam, ao simbolismo deles que se enquadra perfeitamente na época, à

---

(1) Veja-se o nosso estudo dos *Morabitinos Portugueses*, a pág. 26 e sgs., donde se colhe a impossibilidade de D. Afonso Henriques lavrar moeda de ouro, independentemente da prova que se faz de falsidade daquela moeda.

(2) Cfr. Ob. cit., pág. 40 e Est. I.

(3) Vid. *Idem, ibidem*, pág. 53 n.º 4.

(4) Acerca da autenticidade desta moeda veja-se o que dissemos num artigo publicado no *Jornal de Notícias* em 4-II-46.

expressão plástica comum às moedas do tempo, tudo nelas concorre para corroborar a sua autenticidade indubitável.

Como se não bastassem no entanto todos esses elementos, outro, e há poucos anos, se lhes veio juntar, com o aparecimento de uma moeda, protótipo daquelas! — Referimo-nos ao exemplar pertencente ao ilustre colecionador Senhor Ed. M. v. d. Niepoort, que publicamos no *Diário de Notícias* de 14-I-946 (1), e que sendo do mesmo tipo, diverge contudo daquelas em ser mais tosco ainda o seu cunho, e ter invertida a ordem de suas letras da palavra PORTVGAL, que ladeiam a cruz: VT em vez de TV. Letras que Aragão tomou como sendo uma deturpação do *alpha* e *omega*, que por vezes apareciam nas moedas do tempo, especialmente francesas, e que para nós não são mais do que a continuação da legenda: POR — TV — *galis*; tal como ocorre em outros exemplos da numária portuguesa, ao lembrarmos-nos de várias moedas de D. João III, e nomeadamente no caso semelhante dos conhecidos engenhosos de 1562, em que as letras G — A ladeando o Escudo nacional, não são mais do que a continuação da legenda, e daquela mesma palavra PORTVGA(LIAE) (2).

Ao tratar desta moeda impõe-se-nos a explicação do que representava a estrela de cinco pontas, ou melhor o Signo de Salomão no simbolismo medieval. Assim, dando aqui apenas as conclusões a que chegamos já em dilatado estudo do assunto que temos em preparação, diremos que o sino-saimão, ou pentalfa, simbolizava então a Trindade de Deus, e a sua Eternidade representada em três triângulos entrelaçados numa só figura, sem princípio nem fim. Porisso que igualmente colhemos larga documentação da representação desses símbolos nas Igrejas românicas desse tempo, como sinal de grande veneração dos cristãos.

Como antecedente encontramos também esse mesmo símbolo escolhido pela Rainha D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, para os seus selos ródados, o que influenciaria seu filho a tomar igualmente o pentalfa para seu emblema pessoal: tal nos autoriza a pensar o tipo destas moedas, se outros documentos não existissem, pois é sintomático que esse sinal ocupe todo o campo da moeda, tendo em volta dela somente o nome do Rei: ALFONSVS.

Esse seria, pois, o emblema pessoal d'El-Rei, ao tempo em que a

(1) É este quanto a nós o mais antigo exemplar da série afonsina. Veja-se a nossa *Cartilha da Numismática Portuguesa*, Est. I, n.º 1.

(2) Cfr. o nosso *Guia duma notável coleção*, Lisboa, 1948, a pág. 13-14 e Est. VI, n.º 48.

Heráldica ainda não existia (1), pois quanto a nós também, a introdução dela em Portugal deve apenas datar das relações com a Flandres por ocasião do casamento da filha de D. Afonso Henriques, a Infanta D. Teresa, com o Conde de Flandres, em 1184 (depois chamada Dona Matilde), e conseqüentemente quando ainda não existiam as Quinas como brazão de Armas do Rei e da Nação (2).

Analizadas, pois, sumariamente, as moedas do Fundador da Nacionalidade descritas por Teixeira de Aragão, verifica-se que, duas são falsificadas, uma é duvidosa, outra pertence a D. Afonso II, do que resulta ficar só uma merecedora de todo o crédito: aquela a que acima nos referimos mais de espaço que apresenta a Cruz dum lado e o Signo de Salomão do outro.

A acrescentar a esta temos mais três exemplares diferentes já publicados por nós há anos, e de tipos todos diferentes e inéditos, além de mais outra semelhante a uma daquelas, de que hoje damos a reprodução.

Feita, *in fine*, a computação geral por tipos, temos:

1) *Dinheiro* com cruz e pentalfa (tendo a ladear a cruz: V—T, como protótipo do seguinte; pertence ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Niepoort): exemplar único conhecido; RRRRR (3) (Fig. 1).

2) *Dinheiro*, semelhante àquele, de cunho mais correcto, tendo a ladear a cruz: T—V; (pertence à colecção do Rei D. Luís): existem quatro exemplares; RRRR (Fig. 2 e ampliação).

3) *Dinheiro*, com o perfil do Rei, e a marca monetária Co—publicada por Teixeira de Aragão; embora a tomemos com toda a reserva (4): único conhecido; RRRRR (5) (Fig. 5).

4) *Mealha* com a inicial do Rei A sobre uma cruz; pertencente ao Eng.<sup>o</sup> Michaëlis de Vasconcellos: único conhecido; RRRRR (6) (Fig. 3).

5) *Mealha* com a effigie do Rei de face—pertencente ao Dr. Raul Soares Duque: existe somente outro exemplar; RRRR (7) (Fig. 4).

(1) Pois que os primeiros documentos heráldicos não vão além, e lá fora, dos meados do século XII.

(2) Cfr. a nossa *Cartilha da Numismática Portuguesa*, a págs. 265 a 268.

(3) Publicado por nós no *Diário de Notícias* de 14-I-46.

(4) Tanto esta como a anterior são as duas moedas que Aragão publica no texto do seu 1.<sup>o</sup> vol. a pág. 143.

(5) Não obstante Aragão falar, por informação do «Sr. Ferraz», na existência de outro exemplar, cujo paradeiro se ignora.

(6) Publicado por nós no *Diário de Notícias* de 12-I-45.

(7) Igualmente publicado por nós naquele jornal em 20-I-37.

Desta última apareceu outro exemplar semelhante em Óbidos, no mês passado (Setembro 1952), que foi piedosamente recolhido, das mãos profanas que o acharam, pelo Prior da localidade, Rev.º P.º Adelino Cardoso Coelho (1). Neste exemplar, pertencente ao Sr. César de Almeida, um elemento se mostra com perfeita clareza que aqueloutro não tem nesse particular: a *coroa* que encima a cabeça real.

No que toca à liga, apresenta esta moeda, como as anteriores, um teor de bolhão elevado, o que muito deve ter contribuído para o seu bom estado de conservação.

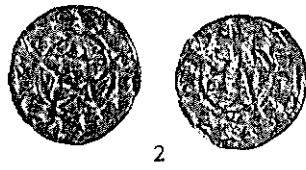
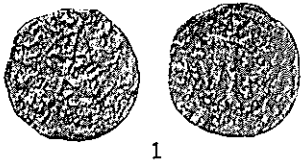
Temos, pois, nesta era de 1952, andados que são dez meses dela, conhecidos cinco tipos diferentes, numa totalidade de 9 exemplares, de moedas mandadas cunhar pelo nosso primeiro Rei, constituindo esses raros e preciosos documentos os testemunhos monetários coevos dos primeiros anos da existência de Portugal como nação independente.

---

(1) No *Diário de Lisboa*, de 25-X-52, foi dada notícia do achado.

D. AFONSO HENRIQUES

(1128-1185)



Ampliação: três diâmetros



Ampliação da *mealha* achada em Óbidos

